

PRÉMIO EUROPEU HELENA VAZ DA SILVA 2023

Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

23 de outubro de 2023

Intervenção Jorge Chaminé

Autoridades,

Queridas Amigas, Queridos Amigos,

Querida Família,

Antes do mais agradeço as amáveis palavras do Dr. Guilherme d'Oliveira Martins e a presença nesta sala de tantos amigos que fizeram o sacrifício de vir de longe e muitos do estrangeiro para me acompanharem neste dia.

Como podem facilmente imaginar, é com grande emoção que me encontro nesta Fundação - quão importante na minha vida de músico tanto como antigo bolseiro, mas também como participante em várias temporadas de concertos - para receber este surpreendente prémio. Digo surpreendente, não só pelo prestigioso que é, pelo nome que leva e pela imensa surpresa que foi para mim receber esta notícia.

Agradeço, reconhecido, ao prestigioso júri o terem-me proporcionado esta imensa honra de mo concederem, mas, como exprimi aquando da notícia, este prémio vai ao reconhecimento dado pelo júri à importância da Música como o mais concreto e essencial dos patrimónios imateriais!

Permitam-me umas palavras pessoais quási rituais neste tipo de actos, pois gostaria de começar por um agradecimento filial, pois tenho a fortuna de ter meus pais aqui presentes.

Sei que não foi fácil terem um filho como eu, que já com 16 anos deixou o confortável espaço familiar para ir para Coimbra frequentar, às vezes, os belos anfiteatros da Faculdade de Direito.

Esse percurso traçado, nunca me foi satisfatório e eis que com apenas 21 anos este "louco" por Música deixa definitivamente o país para avançar num território desconhecido como Paris e depois o mundo. Em Paris, tive a sorte de poder consagrar-me totalmente à Música e de me enraizar, afectiva e efectivamente, constituindo a família que tenho diante de mim: os meus filhos e os meus netos, graças ao meu casamento com a pianista Marie-Françoise Bucquet que, estou certo, nos olha com ternura desde a abóbada celeste.

Se me permitem gostaria de ter um pensamento de gratidão, num Elogio à Amizade, para as muitas e muitos, e sem citar nomes, que ao longo de todos estes anos, me outorgaram confiança e amizade, foram meus mentores e com muitos dos quais tive a honra de partilhar palco, projectos, largas conversas e ensinamentos e que ao longo do meu percurso, com a magia desses encontros, fizeram, também, o que sou.

E que sou? Um simples servidor da Música!

A ela dediquei e dedico a minha vida e, hoje, com o projecto que se concretiza do Centro Europeu de Música, tento inscrevê-la cada vez mais no coração da sociedade, na tomada de consciência pelos nossos contemporâneos de todas as suas qualidades e das ramificações disciplinares que ela permite, numa verdadeira e criativa transdisciplinaridade, tirando-a do simples entretenimento onde a confinaram e dando-lhe assim o lugar que ela merece à mesa

do banquete da Res Publica e espero, com o CEM e para além de todos aqueles que já estão envolvidos, que um número crescente de indivíduos e instituições participem plenamente neste projecto, levem-no onde vivem, com as suas competências, os seus contributos e os seus corações. Estes são os investimentos em que não há perdedores, só ganhadores. É o caso de Portugal, o meu desejo mais caro, e que a sociedade seja profundamente mudada pela música, VIAMUSICA. Precisamos que todos participem e agradeço reconhecidamente a Aliança de Cidades que de forma exemplar e única no mundo e que, hoje, em Portugal se reuniram no propósito de implantar o CEM. As cidades de Braga, Faro, Figueira de Castelo Rodrigo, Grândola, Lisboa, Mafra e Porto que neste próximo dia 25, na belíssima Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra, e acolhidas pelo Senhor Presidente da Câmara de Mafra, lançarão o CEM Portugal. Que sejam vivamente agradecidas e nomeadamente os Senhores Presidentes da Câmara aqui presentes, os meus bons amigos Carlos Moedas e Hélder Silva. Bem hajam!

Foi um longo percurso, sempre enraizado numa experiência pessoal e que, hoje, na perspectiva que me oferece a idade, me dá a certeza de que esse caminho, mesmo se difícil, valeu todas as penas. E que o caminho continua pois se faz ao andar, como diria o poeta espanhol Antonio Machado.

Além das imensas satisfações pessoais de ter podido realizar-me profissionalmente em palcos carregados de simbolismo para um músico, o mais essencial passou-se fora dos “sentiers battus”, aí onde, constantemente, tomei consciência dos inúmeros poderes da música:

nos teatros de guerra no Médio Oriente, entre outros nos campos palestinianos, nos efeitos educativos para crianças abandonadas ou órfãs em África, América latina ou Índia, nos concertos dedicados a populações carcerais ou em hospitais, nos ateliers para jovens do síndrome autístico, no estabelecimento de pontes entre culturas diferentes, provando a citação de Heráclito quando afirma: “a Música é a única das manifestações humanas que consegue casar os contrários”. Foram esses momentos que me deram a convicção de que, hoje mais que nunca, necessitamos a Música, pois ela é elo social e instrumento de Paz. E, perante a situação actual, se queremos uma verdadeira transformação dum mundo cada vez mais violento e dividido, devemos transformar essa violência a que chamamos original, mas a meu ver não fatídica, e a Música pode ser esse itinerário directo da cabeça ao coração e ao corpo, tríade essencial do ser humano completo.

E afastemo-nos, pois, dos velhos paradigmas aos quais continuamos de apelar e que constituem incessantemente uma condena ao fracasso, e ponhamos de novo o diapásão na Imaginação e na real escuta do outro, na busca de diálogo, que só poderá renascer no respeito e, também, não tenhamos receio das palavras, ponhamos todas as nossas energias na realização da Paz, do Bem e do Belo, conceitos hoje tão maltratados ou quase excomungados e que quando citados resultam frequentemente inconfortáveis, mesmo numa conversa de café...

Sirvamo-nos, pois, da Música, exemplo mesmo de diálogo e de democracia. Ela espera-nos, sempre paciente. Convoquêmo-la!!!

“Deus fez do tempo a sua maior descoberta, a música reinventa Deus”, estas são palavras do meu muito admirado amigo Eduardo Lourenço, que me precedeu como Prémio Helena Vaz da Silva e com o qual, em Paris, tive o privilégio de conversar longamente com, em tela de fundo, a sua paixão pela música.

Esse tempo musical, que milhões de indivíduos vivem cada dia, numa sociedade que, cada vez mais, os afasta por pecado de inutilidade; inscritos nessa vontade, desde há longas décadas, de nos instalarem num mundo de cacofonia, numa batalha tribal desde as redes sociais até às cruéis guerras que continuam de prosseguir uma perigosa escalada neste planeta e, talvez, numa ingenuidade que quero ainda intacta e que me acompanha desde que tenho consciência de mim mesmo, achei quiçá pretensiosamente, que se missão havia, essa era a de tentar mudar o mundo pela música. Anos mais tarde, soube que o meu mentor e amigo Yehudi Menuhin, sonhava frequentemente em criança, que se ele tocasse a Chaconne em ré menor de Bach na Capela Sistina o mundo se transformaria num melhor lugar para todos. E permitam-me aqui realçar o que dizem os espanhóis que seria um “guiño de Dios” “um piscar de olhos de Deus” já que Helena Vaz da Silva foi membro do CA da Fundação Internacional Yehudi Menuhin, lugar que ocupo hoje e que foi a fundadora da Associação Yehudi Menuhin em Portugal... Fios invisíveis da existência aos quais sou profundamente sensível.

No meu sonho, não fui até à Capela Sistina, mas fiquei-me pela vontade de plantar sementes musicais que “contra ventos e marés”, com anos de sequia ou de inundações, conseguiria ter a força de poder continuar o que, de forma surpreendente o próprio Yehudi Menuhin teria lido no meu ser, já que muito rapidamente, desde 1988, me re-baptizou Iorgos, o nome Jorge, em grego, que quer dizer lavrador.

Hoje, algumas dessas sementes já cresceram, outras brotam já, muitas ainda não e algumas talvez não cresçam; mas o que conta é que muitos poder-se-ão repousar à sombra de belas árvores musicais.

E, estou certo de que as maravilhosas palavras de Stefan Zweig se tornarão realidade: “na história das guerras, somos todos inimigos, na história da cultura, somos todos irmãos”

Muito Obrigado,
Jorge Chaminé